

CO-OCUPAÇÃO E TERAPIA OCUPACIONAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Co-occupation and occupational therapy: an integrative review

Coocupación y terapia ocupacional: una revisión integrativa

Danusa Menegat

<https://orcid.org/0000-0001-7341-7454>

Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Terapia Ocupacional, Pelotas, RS, Brasil

Resumo

Introdução: O termo “co-ocupação” tem sido utilizado no campo da terapia ocupacional para definir o engajamento mútuo de duas ou mais pessoas em uma ocupação compartilhada. **Objetivo:** Identificar e analisar as produções, nacionais e internacionais, da Terapia Ocupacional sobre a utilização da expressão “co-ocupação”. **Método:** Para tanto, realizou-se uma revisão integrativa da literatura, nos idiomas inglês e português, em quatro periódicos e duas bases de dados, sem delimitação temporal. Após, foi realizada análise temática. **Resultados:** Foram selecionados 11 artigos, 10 em inglês e 01 em português. Foram construídas 03 categorias para análise temática: (1) Conceituando co-ocupação; (2) Aspectos da co-ocupação; (3) Exemplificando co-ocupações. **Conclusão:** Conclui-se que os estudos publicados por terapeutas ocupacionais que abordam o tema são escassos, principalmente no contexto nacional. Reafirma-se a necessidade de futuras pesquisas que abordem tal temática, a fim de ampliar o embasamento teórico e fortalecer a atuação terapêutica ocupacional.

Palavras-chave: Ocupação. Produção científica e tecnológica. Terapia Ocupacional.

Abstract

Introduction: The term “co-occupation” has been used in the field of occupational therapy to define the mutual engagement of two or more people in a shared occupation. **Objective:** To identify and analyze national and international productions of Occupational Therapy on the use of the expression “co-occupation”. **Method:** To this end, an integrative literature review was carried out, in English and Portuguese, in four journals and two databases, without temporal delimitation. Afterwards, thematic analysis was performed. **Results:** 11 articles were selected, 08 in English and 01 in Portuguese. 03 categories were constructed for thematic analysis: (1) Conceptualizing co-occupation; (2) Aspects of co-occupation; (3) Exemplifying co-occupations. **Conclusion:** It is concluded that studies published by occupational therapists that address the topic are scarce, especially in the national context. It reaffirms the need for future research that addresses this issue, in order to expand the theoretical basis and strengthen occupational therapy.

Keywords: Occupation. Scientific and Technical Activities. Occupational therapy.

Resumen

Introducción: El término “coocupación” se ha utilizado en el campo de la terapia ocupacional para definir el compromiso mutuo de dos o más personas en una ocupación compartida. **Objetivo:** Identificar y analizar producciones nacionales e internacionales de Terapia Ocupacional sobre el uso de la expresión “coocupación”. **Método:** Para ello, se realizó una revisión integrativa de la literatura, en inglés y portugués, en cuatro revistas y dos bases de datos, sin delimitación temporal. Posteriormente, se realizó el análisis temático. **Resultados:** Fueron seleccionados 11 artículos, 08 en inglés y 01 en portugués. Se construyeron 03 categorías para el análisis temático: (1) Conceptualización de la coocupación; (2) Aspectos de coocupación; (3) Ejemplificar co-ocupaciones. **Conclusión:** Se concluye que los estudios publicados por terapeutas ocupacionales que abordan el tema son escasos, sobre todo en el contexto nacional. Se reafirma la necesidad de futuras investigaciones que aborden este tema, con el fin de ampliar la base teórica y fortalecer la terapia ocupacional.

Palabrasclave: Ocupación. Actividades científicas y tecnológicas. Terapia ocupacional.

Como Citar:

Menegat, D. (2023). Co-ocupação e terapia ocupacional: uma revisão integrativa Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 7(1), 1616-1630. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto51178

Introdução

Co-ocupação é um termo utilizado por profissionais da terapia ocupacional (Pierce, 2009). A utilização do conceito surgiu da ciência ocupacional, fundada por Elizabeth June Yerxa, terapeuta ocupacional (TO), e se propõe a identificar como os seres humanos compreendem a si próprios por meio da ocupação, ou seja, como seres ocupacionais (Yerxa, 1990).

De acordo com Morrison et al. (2021), estudos que abordam a ciência ocupacional e a terapia ocupacional como áreas de conhecimento, tem sido publicado a partir do ano 2000 no contexto latino-americano, reforçando que ambas têm o intuito de promover a ocupação na melhoria da qualidade de vida das populações.

A co-ocupação existe em um continuum de ocupações sociais que abrangem ocupações paralelas e ocupações sociais profundamente inter-relacionadas (Zemke & Clark, 1996). Os autores afirmam que as ocupações paralelas ocorrem quando as pessoas compartilham o mesmo espaço físico, mas estão envolvidas em sua própria ocupação sem relacionarem-se; por outro lado, ocupações compartilhadas são compreendidas como aquelas que envolvem pessoas, as quais compartilham um objetivo comum e trocam informações. Assim, as co-ocupações seriam as ocupações sociais profundamente inter-relacionadas que requerem o envolvimento de outra pessoa, sendo um conceito complexo (Zemke & Clark, 1996).

O conceito co-ocupação foi cunhado por Pierce, em 1990, no contexto mãe-filho e surgiu da necessidade de comunicar sobre as ocupações de forma mais precisa e específica e descreve as co-ocupações como sendo altamente interativas em um contexto social que envolve a ocupação (Pierce & Marshall, 2004; Doidge, 2012).

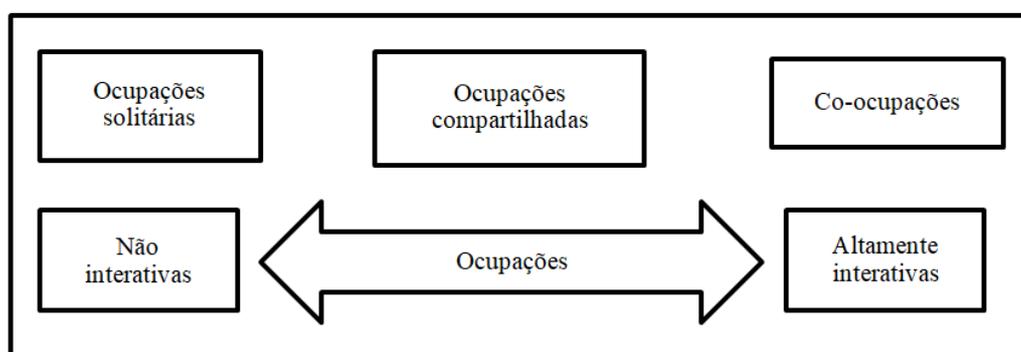


Figura 1. Co-ocupações. Fonte: A autora, 2022.

As co-ocupações de mães e filhos são consideradas como essenciais para o crescimento e desenvolvimento da criança, enfatizando que ambas as pessoas engajadas na co-ocupação adotam habilidades pessoais, cognitivas, físicas e afetivas que compõem a experiência co-ocupacional (Esdaile & Olson, 2004).

Há notavelmente menos pesquisas conduzidas em co-ocupações, sendo que o foco das pesquisas têm sido mães e filhos, apesar de escassas (Pickens & Pizur-Barnekow, 2009; Esdaile & Olson, 2004; AOTA, 2015).

A partir do exposto, nota-se que a expressão "co-ocupação", na terapia ocupacional, é utilizada para abordar ocupações que envolvem duas ou mais pessoas (AOTA, 2015). Contudo, embora conceituada no repertório da ciência ocupacional, há uma limitada produção relacionada ao uso e desenvolvimento teórico-conceitual.

De acordo com achados da literatura internacional e, principalmente, nacional, a terminologia da co-ocupação não tem sido amplamente adotada por terapeutas ocupacionais, havendo uma escassez de estudos sob essa perspectiva, bem como acerca da compreensão dos profissionais da área sobre a sua utilização na pesquisa e na prática (Pierce, 2009; Dalvand et al., 2015).

O presente estudo partiu do seguinte questionamento: Como é conceituada e utilizada a expressão "co-ocupação" na terapia ocupacional brasileira e internacional? Assim, partindo da premissa de que a co-ocupação é um termo complexo e que as pessoas envolvidas se influenciam diretamente, surge a necessidade de pesquisar como terapeutas ocupacionais conceituam e compreendem a co-ocupação.

Métodos

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura acerca do termo "co-ocupação", utilizado em produções da terapia ocupacional internacional e brasileira. O método escolhido visa contribuir para o aprofundamento de conceitos que possam fundamentar a utilização e a compreensão dos terapeutas ocupacionais na prática.

Para o presente estudo, foram realizadas cinco etapas: (1) formulação da questão de pesquisa (Como tem sido utilizado o termo "co-ocupação" nas produções da terapia ocupacional internacional e brasileira?); (2) busca por estudos relevantes; (3) extração dos dados; (4) agrupamento, descrição e análise dos dados, discussão.

Foi realizado um levantamento de artigos nos principais periódicos específicos na área: Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional, Journal of Occupational Science; e nas bases de dados Scientific Electronic Library on Line (SciELO) e PubMed, sem delimitação temporal.

Utilizou-se a combinação dos seguintes descritores: “co-ocupação” e “terapia ocupacional” e seus correspondentes na língua inglesa, “co-occupation” e “occupational therapy”. Foram incluídos artigos em inglês ou português, estudos de revisão ou originais elaborados por autores da terapia ocupacional, completos e disponíveis *online*, que faziam referência ao termo co-ocupação no título e/ou palavras-chave.

A revisão foi realizada no primeiro semestre de 2021, sendo finalizada em agosto. Após a seleção dos artigos, os títulos e resumos foram organizados em uma planilha do software Excel Microsoft Office 2013, sendo removidos os duplicados.

Os estudos selecionados com base nos critérios de elegibilidade foram lidos na íntegra e, em seguida, a análise dos resultados ocorreu de maneira independente.

Resultados

Foram encontrados 107 artigos por meio de buscas nos periódicos e nas bases de dados selecionados. Ao final, restaram 13 artigos, sendo que foram excluídas 02 publicações duplicadas, resultando a amostra final composta de 11 estudos que apresentaram títulos e/ou palavras-chave com base nos critérios de elegibilidade (Tabela 1).

Tabela 1 – Processo de busca e seleção dos artigos.

Periódicos/Base de dados	Encontrados	Incluídos	Excluídos (duplicados)
Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	1	1	0
Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo	0	0	0
Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional	1	0	0
Journal of Occupational Science	99	10	1
SciELO	3	1	1
PubMed	6	1	0
TOTAL (n = 11)	107	13	2

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos na revisão, 2022.

A Tabela 2 apresenta uma síntese dos artigos incluídos, com as seguintes informações: autor(es), título, ano, método, periódico/base de dados e idioma.

Tabela 2 – Artigos por auto (es), título, ano, periódico/base de dados e idioma.

Autor(es)	Título	Ano	Método	Periódico/ base de dados	Idioma
Price; Miner	Extraordinarily Ordinary Moments of Co-Occupation in a Neonatal Intensive Care Unit	2009	Estudo etnográfico	OTJR: Occupation, Participation and Health	Inglês
Pizur-Banekow; Knutson	A comparison of the personality dimensions and behavior changes that occur during solitary and co-occupation	2009	Exploratório	Journal of Occupational Science	Inglês
Pickens; Pizur-Banekow; Knutson	Co-occupation: Extending the Dialogue	2009	Teórico	Journal of Occupational Science	Inglês
Pierce	Co-occupation: The challenges of defining concepts original to occupational science	2009	Teórico	Journal of Occupational Science	Inglês
Price; Stephenson	Learning to Promote Occupational Development through Co-occupation	2009	Revisão	Journal of Occupational Science	Inglês
Mahoney; Roberts	Co-occupation in a day program for adults with developmental disabilities	2009	Estudo fenomenológico	Journal of Occupational Science	Inglês
Pizur-Banekow; Kamp; Cashin	An Investigation of Maternal Play Styles during the Co-Occupation of Maternal Infant Play	2014	Exploratório	Journal of Occupational Science	Inglês
Fraga; Dittz; Machado	A construção da co-ocupação materna na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal	2019	Estudo de caso múltiplo	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	Português
Cardin	Parents' perspectives: An Expanded View of Occupational and Co-Occupational Performance in the Neonatal Intensive Care Unit	2020	Estudo fenomenológico	The American Journal of Occupational Therapy	Inglês

Aubuchon-Endsley et al.	A Cohort Study of Relations Among Caregiver–Infant Co-Occupation and Reciprocity	2020	Estudo de coorte longitudinal	OTJR: Occupation, Participation and Health	Inglês
Jong et al.	Shared music, shared occupation: Embedding music as a socio-altruistic collective- and co-occupation in occupational therapy education	2020	Teórico	Journal of Occupational Science	Inglês

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos na revisão, 2022.

De acordo com os achados, considera-se que as publicações datam do ano 2009, e, ao longo dos anos, vem ocorrendo um aumento dessa temática e da iniciativa dos pesquisadores em estudar a co-ocupação em diversificadas populações na área da terapia ocupacional. Foram encontrados 10 artigos no idioma inglês e, apenas, 1 em português.

Como principais resultados pode-se identificar: escassez de artigos na área da Terapia Ocupacional utilizando o termo “co-ocupação”. Quanto ao método, foram encontrados estudos exploratórios (2); teóricos (3); revisão de literatura (1); fenomenológicos (2); etnográfico (1); caso múltiplo (1) e coorte longitudinal (1).

DISCUSSÃO

Há uma escassez de estudos que investiguem a personalidade do indivíduo, a qual culmina no que o indivíduo pensa, sente e faz; bem como influencia o comportamento da pessoa em relação ao desempenho ocupacional e co-ocupação (Pizur-Barnekow & Knutson, 2009). A reduzida produção nacional abordando a terminologia parece considerar a origem do uso, focado no contexto mãe-filho (Pierce, 1990). Além disso, pesquisadores brasileiros da área têm utilizado termos como participação ou envolvimento nos cuidados maternos (Joaquim; Silvestrini; Marini, 2014; Dittz et al., 2011; Moreno; Jorge, 2005), evidenciando a relação maternal atribuída ao conceito inicial de co-ocupação; ou mesmo utilizando o termo “co-ocupação materna” (Fraga; Dittz; Machado, 2019).

Destaca-se que a ciência ocupacional tende a se beneficiar de pesquisas que investigam o envolvimento co-ocupacional dos indivíduos (Pizur-Barnekow & Knutson, 2009). Considera-se que a terminologia surgiu nessa perspectiva e estudos futuros poderiam auxiliar na compreensão dos profissionais de terapia ocupacional sobre a temática, auxiliando na ampliação e no uso do termo (Pierce, 1990; Pizur-Barnekow & Knutson, 2009).

Para Aubuchon-Endsley et al., 2020, identifica-se uma escassez de pesquisa que preencha a lacuna entre pesquisa e prática que envolvam co-ocupações entre cuidadores e crianças, sendo sugeridos estudos de acompanhamento que investiguem a reciprocidade co-ocupacional em relação aos marcos do desenvolvimento infantil. Ressaltam que expressões, afeto, toque e co-ocupação do cuidador se encontram potencialmente integradas ao longo do tempo, assim, destaca-se a necessidade de pesquisas para relações que referenciam o desenvolvimento infantil.

Para análise temática estudada, foram elencadas três categorias para essa discussão: (1) Conceituando co-ocupação; (2) Aspectos da co-ocupação; (3) Exemplificando co-ocupações.

Conceituação a co-ocupação

O conceito de co-ocupação foi cunhado por Pierce na década de 90, a autora refere que o termo ocorreu enquanto cantava uma música com sua filha, repetindo a seguinte frase: "Cooperação, faz isso acontecer, cooperação trabalhando juntos!" e assim pensou em "Co-ocupação, faz isso acontecer, co-ocupação, trabalhando juntos!" (Pierce, 2009, p. 203). A procura por novas taxonomias de ocupação influenciou na utilização do termo "co-ocupação", período em que a pesquisadora ansiava por conceitos que esclarecessem ocupação (Pierce, 2009).

Co-ocupação é um conceito da ciência ocupacional que alguns estudiosos usam quando se referem a ocupações que apresentam caráter interativo, sendo que essa disciplina compõe a literatura interdisciplinar, e as co-ocupações são as mais interativas de todas as ocupações sociais (Pierce, 2009).

O campo da terapia ocupacional tem utilizado o termo "co-ocupação" para definir o envolvimento de duas ou mais pessoas em uma ocupação (Pierce, 2009). De acordo com Aubuchon-Endsley et al. (2020), co-ocupação é definida como o engajamento mútuo de duas pessoas em uma ocupação compartilhada. Para Pierce, 2009, as co-ocupações são altamente interativas e, durante o desempenho co-ocupacional, exigem o envolvimento ativo de duas ou mais pessoas, em que a capacidade de resposta de uma pessoa influencia diretamente a resposta da (s) outra (s).

A co-ocupação é descrita como ocupações compartilhadas por duas ou mais pessoas e pode ser compreendida como uma dança entre as ocupações de cada indivíduo que molda sequencialmente as ocupações de ambos (Pierce, 2009). Um exemplo seria andar de bicicleta, pois é uma ocupação que pode ser executada de forma independente, no entanto, aprender tal ocupação torna-se uma co-ocupação, pois envolve duas pessoas que compartilham e respondem mutuamente um ao outro, evento potencialmente marcante na vivência de uma criança (Pickens & Pizur-Barnekow, 2009).

As co-ocupações podem auxiliar na qualidade de vida das pessoas ao longo da vida e até mesmo no fim da vida (Pickens & Pizur-Barnekow, 2009).

O engajamento entre ocupações permite a criação de propósito e significado, assim, significado e experiência compartilhada constituem partes essenciais da co-ocupação (Pickens & Pizur-Barnekow, 2009); Pierce, 2009). As co-ocupações abrangem atividades diárias com propósito e que tenham significado (Pickens & Pizur-Barnekow, 2009).

O comportamento é percebido como complexo, e tal percepção estaria relacionada à influência do ambiente, assim, as adaptações comportamentais ocorrem durante a atividade co-ocupacional (Pizur-Barnekow & Knutson, 2009).

Para Pickens e Pizur-Barnekow (2009), há três proposições necessárias para ampliar a compreensão da co-ocupação: (1) Cada tipo de co-ocupação é caracterizada por aspectos únicos compartilhados; (2) A natureza das co-ocupações pode ser estudada por meios qualitativos e quantitativos e (3) A deficiência ou incapacidade podem influenciar de que forma a co-ocupação é manifestada e essa condição implica em contextos práticos e pesquisas na área.

Aspectos da co-ocupação

A co-ocupação ocorre quando pessoas realizam uma ocupação de maneira mutuamente responsiva e interconectada, que requer aspectos de fisicalidade, emocionalidade e intencionalidade compartilhadas (Figura 2) (Pizur-Barnekow & Knutson, 2009).

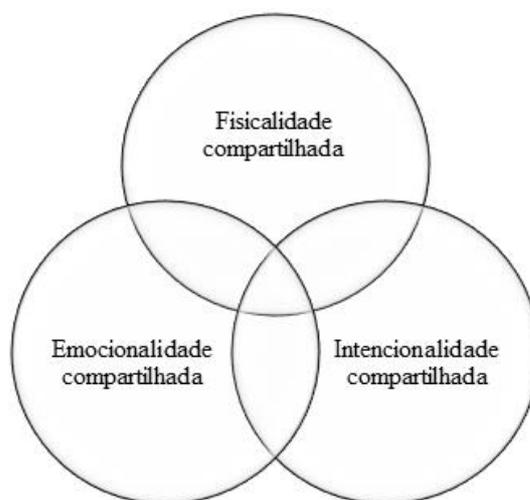


Figura 2 – Aspectos da co-ocupação. Fonte: A autora, 2022.

Nas co-ocupações, há um alto nível de fisicalidade (contato físico), emocionalidade e intencionalidade, os quais podem variar individualmente, podendo um aspecto ter uma presença mais significativa do que outros; porém, como demonstrado na Figura 2, os três aspectos são necessários para uma co-ocupação (Pizur-Barnekow & Knutson, 2009).

O significado e a experiência compartilhada constituem-se como componentes essenciais da co-ocupação e, nesse sentido, devem ser considerados (Pizur-Barnekow & Knutson, 2009; Mahoney & Roberts, 2009).

A co-ocupação pode ser mais satisfatória e significativa para cada pessoa envolvida se comparada a uma ocupação solitária ou paralela (Mahoney & Roberts, 2011). Considera-se que as co-ocupações são flexíveis no desempenho co-ocupacional e, dessa forma, uma ocupação engajada por apenas uma pessoa pode, com a adição de outra, evoluir para uma co-ocupação (Pizur-Barnekow & Knutson, 2009).

O aspecto da fisicalidade encontra-se relacionada ao uso do corpo físico durante a ocupação, é o comportamento físico/recíproco (Pizur-Barnekow & Knutson, 2009; Aubuchon-Endsley et al., 2020). A fisicalidade compartilhada envolve o compartilhamento de movimentos físicos, quando se fornece assistência física a um indivíduo (PICKENS; PIZUR-BARNEKOW, 2009). Como exemplo, podemos considerar o momento em que o cuidador segura a criança (Aubuchon-Endsley et al., 2020).

A emocionalidade refere-se à capacidade de resposta recíproca ao tom emocional de outra pessoa (Pizur-Barnekow & Knutson, 2009). Emocionalidade compartilhada envolve respostas emocionais recíprocas de modo que, por exemplo, se uma pessoa envolvida em uma atividade fica entusiasmada, o nível de entusiasmo da outra aumenta (Pizur-Barnekow & Knutson, 2009). Corresponde à interação recíproca e respeitosa entre os envolvidos (Mahoney & Roberts, 2009).

Pizur-Barnekow & Knutson (2009) realizaram um estudo envolvendo um jogo no computador, em que os achados demonstram que respostas emocionais não são identificadas durante a ocupação solitária avaliada, ou seja, jogar sozinho, em comparação à ocupação compartilhada (jogar com outra pessoa). Assim, conclui-se que o envolvimento emocional sugere que a natureza social do ser humano não deve passar despercebida na prática e nas pesquisas realizadas por terapeutas ocupacionais (Pizur-Barnekow & Knutson, 2009).

Jong et al. (2020) pesquisaram a música como ocupação complexa, e os achados mostram que o canto para e com os outros constitui uma co-ocupação, sendo que as emoções podem ser compartilhadas ao cantar no coletivo, destacando o fato de que não é a música que importa, mas de que forma cada pessoa tem encorajado a outra no cantar. Ainda, a pesquisa mostra que o fazer música juntos (co-ocupação) pode ser utilizado para auxiliar outras ocupações como, por exemplo, cantar enquanto executa atividades cotidianas (banho/vestir-se).

Na co-ocupação materna, a posição canguru é um exemplo de emocionalidade compartilhada, visto que promove o vínculo, diminuição do estresse e incentivo ao aleitamento materno (Fraga; Dittz; Machado, 2019). Aubuchon-Endsley et al. (2020) identificaram que a reciprocidade e a co-ocupação são relevantes para estudos que abordam períodos sensíveis de desenvolvimento. O estudo define a reciprocidade como o engajamento mútuo entre a criança e o cuidador. Os autores exemplificam a emocionalidade como

resposta recíproca ao tom emocional ocorrido entre um cuidador e a criança, como a expressão emocional, acolhedora e reconfortante.

Por fim, a intencionalidade refere-se à compreensão de um propósito compartilhado (Pizur-Barnekow & Knutson, 2009). Esse aspecto envolve o possuir objetivos comuns e compreender as intenções e o papel de cada um (Pizur-Barnekow & Knutson, 2009).

A intencionalidade corresponde à identificação do indivíduo quanto ao propósito e função compartilhada durante o envolvimento na co-ocupação, por exemplo, amamentar o bebê, ensinar uma criança (Aubuchon-Endsley et al., 2020). Esse aspecto corresponde ao engajamento ativo entre as pessoas envolvidas, em que se envolvem em ocupações de maneira conjunta (Mahoney & Roberts, 2011).

Exemplificando as co-ocupações

Nesta categoria, mostramos as publicações realizadas por terapeutas ocupacionais a fim de expandir a compreensão das co-ocupações e quais delas têm sido aprofundadas como objeto de estudo. De acordo com os achados, a presente categoria divide-se em duas subcategorias: co-ocupações pais e filhos e outras co-ocupações.

Co-ocupações pais e filhos

Da mesma forma que Esdaile e Olson (2004), terapeutas ocupacionais têm se debruçado em pesquisas que abordam a co-ocupação de pais e bebês/crianças, mesmo que sejam produções ainda escassas. Estudo de Aubuchon-Endsley et al. (2020) aplicou aspectos de fisicalidade, emocionalidade e intencionalidade em díades cuidador-criança durante a primeira infância, entre 6 e 18 meses de idade. Os resultados mostram a construção da co-ocupação e da sensibilidade materna ao longo do tempo, e denotam que o relacionamento significativo entre os aspectos da co-ocupação apoia essa formação.

Um estudo brasileiro traz a construção da co-ocupação materna em uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), em que se considera o cuidado materno como co-ocupação, compreendendo que se trata de uma situação que demanda interação entre mãe e filho, aprendem um com o outro (Fraga; Dittz; Machado, 2019).

Os autores perceberam que o envolvimento em co-ocupações na UTIN ocorre de maneira gradativa, intensificando a partir da melhora clínica do bebê, assim, identifica-se que a construção dessas co-ocupações se refere ao reconhecimento da mãe em relação à maternidade, bem como aspectos inerentes ao contexto da UTIN. Nesse sentido, os terapeutas ocupacionais apresentam papel fundamental, pois favorecem a co-ocupação e as possibilidades de envolvimento dessas mães nos cuidados aos bebês e ocupações que venham de encontro aos seus desejos, além de esclarecer dúvidas referente ao ambiente neonatal (Fraga; Dittz; Machado, 2019).

Nesse mesmo contexto, Cardin (2020) explorou a co-ocupação na UTIN e identificou que a compreensão da rotina da instituição, as possibilidades de manter a proximidade física com o filho e realizar o contato pele a pele, demonstrações de previsibilidade e continuidade do cuidado, a facilitação da intimidade e privacidade, manutenção da proximidade, expressão de emoções entre cuidador-bebê, percepção das ações de cuidado dos pais na condição de saúde do filho e aprender a responder às suas necessidades interfere na co-ocupação dos pais.

Assim, a pesquisa ressalta a importância de os terapeutas ocupacionais auxiliarem no ajuste e equilíbrio do tempo, na interpretação dos comportamentos e comunicação verbal e não verbal do bebê, considerando que os engajamentos em ocupações dependem de variáveis contextuais e ambientais. Ainda, ressalta-se a falta de definições claras quanto às co-ocupações que envolvem pais e bebês em ambiente hospitalar, o que pode dificultar o reconhecimento e a valorização delas na prática de terapeutas ocupacionais (Cardin, 2020).

Price e Miner (2009) identificam a importância de o terapeuta ocupacional na criação de oportunidades para uma mãe realizar co-ocupações parentais com a filha durante a internação na UTIN.

Do ponto de vista da ciência ocupacional, o estudo revelou que o TO auxilia no neurodesenvolvimento do bebê a partir dos meios utilizados para favorecer a compreensão materna quanto ao processo de tornar-se mãe e a promoção do apego entre a díade, bem como sentir que o filho permite a formação de uma família, condição ideal para promover o desenvolvimento infantil, a partir do envolvimento materno em co-ocupações de alimentação, brincadeiras, rotina de banho e embalar o bebê (Price; Miner, 2009).

A atuação do TO em co-ocupações permite o desenvolvimento de marcos sociais, emocionais, cognitivos e motores (Aubuchon-Endsley et al., 2020).

Outras co-ocupações

Jong et al. (2020) trouxeram a música como um recurso que favorece a co-ocupação, e observam a importância de os terapeutas ocupacionais conhecerem e compreenderem o uso da música como uma ocupação coletiva e co-ocupação como uma área de estudo em ciência ocupacional. No presente estudo, os autores referem que compartilhar música promove o contato social por meio das canções, toque e contato visual trazendo efeitos positivos na saúde, no desempenho ocupacional e na socialização dos indivíduos envolvidos.

O artigo destaca a importância de os alunos de graduação em terapia ocupacional experimentarem e valorizarem a complexidade de co-ocupações em termos pessoais e profissionais. Assim, o uso da música permite interações positivas, melhoria nas habilidades de comunicação, fazer com e para outros como

estratégia fundamental para a prática, bem como a valorização de reconhecê-la como uma estratégia de co-ocupação terapêutica (Jong et al., 2020). Esse estudo mostra a importância de terapeutas ocupacionais em formação vivenciarem novas percepções acerca da aplicação da música, como descrita no estudo, em contextos de saúde-cuidado para que seja percebida como ferramenta significativa para apoiar e melhorar saúde e bem-estar.

Estudo exploratório a fim de investigar as diferenças nas características do comportamento e personalidade durante a participação em jogo no computador, considerado como uma atividade compartilhada, ou seja, com outro indivíduo (co-ocupação) e atividade solitária (ocupação solitária), identificou que o envolvimento na co-ocupação do jogo influenciou maior número de comportamentos de troca de informações, fisicalidade e emocionalidade compartilhadas (Pizur-Barnekow; Knutson, 2009). Para os autores, trocas de informações correspondem ao dar e receber informações durante uma ocupação e compõe habilidades de comunicação.

A fim de compreender o significado das atividades em um programa diário para adultos com deficiências na perspectiva dos trabalhadores e membros de uma equipe, Mahoney e Roberts (2009) identificaram que os participantes encontraram significado por meio do fazer, ou seja, quando houve engajamento ativo, compreensão do propósito da atividade e interação recíproca e respeitosa entre os envolvidos na co-ocupação associada ao ambiente, fatores que facilitam o engajamento ocupacional. Os autores ressaltam que as pessoas podem engajar-se em atividades separadamente devido à falta de significado para alguns, o que pode ocasionar em uma pobre adaptação entre pessoa-ambiente-ocupação, o que ocasiona o não envolvimento em co-ocupação.

Recomenda-se estudos futuros que auxiliem na compreensão dos efeitos dos aspectos da co-ocupação em bebês/crianças, bem como ajude terapeutas ocupacionais na prática profissional (Aubuchon-Endsley et al., 2020). Há a necessidade de estudos que aprofundem acerca dos fatores que facilitam ou dificultam a ocorrência da co-ocupação (Mahoney & Roberts, 2009).

Além disso, faz-se necessário pesquisas que investiguem a reciprocidade co-ocupacional em relação aos marcos do desenvolvimento infantil (Aubuchon-Endsley et al., 2020).

Terapeutas Ocupacionais são capacitados a implementar estratégias de intervenção que facilite co-ocupações e fornecem recursos para manter e promover comportamentos saudáveis que apoiam o desenvolvimento, a qualidade de vida e o engajamento nas co-ocupações que são significativas (Aubuchon-Endsley et al., 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão revela que a produção nacional é incipiente, sobretudo se comparada à literatura estrangeira, principalmente quanto à compreensão teórica e às definições de co-ocupação, utilizadas por terapeutas ocupacionais brasileiros. A incipiente produção nacional indica a necessidade de estudos futuros acerca do tema.

A presente revisão de literatura mostra que há uma literatura internacional composta de definições esclarecedoras acerca da co-ocupação que auxiliam os terapeutas ocupacionais a melhor compreender e utilizar o termo na pesquisa e em suas práticas. A literatura internacional indica a necessidade de investigações que abordem co-ocupações além daquelas envolvendo cuidadores e filhos.

Deve-se considerar que a presente revisão apresenta um número restrito de publicações, visto que possui limitações que vêm de encontro aos critérios de inclusão do presente estudo. No entanto, este manuscrito ressalta a necessidade de amplificação das produções, do ponto de vista da ciência ocupacional, e a importância dos terapeutas ocupacionais se apropriarem do termo co-ocupação e dos aspectos que a compõem, como forma de reconhecer e compreender a potencialidade das suas intervenções.

Referências

American Occupational Therapy Association, A. (2015). Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo - 3ª ed. traduzida. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 26(esp), 1-49. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26iespp1-49>.

Aubuchon-Endsley, N. L. et al. (2020). A Cohort Study of Relations Among Caregiver–Infant Co-Occupation and Reciprocity. *OTJR: Occupation, Participation and Health*, 40 (4), 261 - 269. <https://doi.org/10.1177/1539449220905791>.

Cardin, A. D. Parents' Perspectives: An Expanded View of Occupational and Co-Occupational Performance in the Neonatal Intensive Care Unit (2020). *The American Journal of Occupational Therapy*, 74 (2), 1-12. <https://doi.org/10.5014/ajot.2020.034827>.

Dittz, E. S. et al. (2011). Cuidado materno ao recém-nascido na unidade de terapia intensiva neonatal: possibilidades e desafios. *Ciencia y Enfermería*, 17 (1), 45 – 55. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=370441806006>

Doidge, K. (2012). *Co-occupation categories tested in the mothering context* [Dissertação de mestrado, Otago Polytechnic]. <https://www.op.ac.nz/assets/OPRES/4ce6245874/Doidge-Co-occupation-categories-tested-2012.pdf>

Esdaille, S. A.; Olson, J. A. (2004). *Mothering occupations: challenge, agency, and participation*. Philadelphia: F.A. Davis.

Fraga, E.; Dittz, E.S.; Machado, L. G. A construção da co-ocupação materna na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (2019). *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27 (1), 92 - 104. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1125>.

Jong, D. C. et al. (2020). Shared music, shared occupation: Embedding music as a socio-altruistic collective- and co-occupation in occupational therapy education. *Journal of Occupational*, 28 (3), 1 - 14. <https://doi.org/10.1080/14427591.2020.1793808>.

Joaquim, R. H. V. T.; Silvestrini, M. S.; Marini, B. P. R (2014). Grupo de mães de bebês prematuros hospitalizados: experiência de intervenção de Terapia Ocupacional no context hospitalar. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 22 (1), 145 - 150. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1125>.

Mahoney, W.; Roberts, E. (2009). Co-occupation in a day program for adults with developmental disabilities. *Journal of Occupational Science*, 16(3), 170-179. <https://doi.org/10.1080/14427591.2009.9686659>.

Moreno, R. L. B.; Jorge, M. S. B (2005). O cuidar do outro na unidade de terapia intensiva neonatal: concepção fenomenológica. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 4 (3), 242 - 249.

Morrison, R. et al. (2021). Por que uma Ciência Ocupacional na América Latina? Possíveis relações com a Terapia Ocupacional com base em uma perspectiva pragmatista. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, 1 - 13. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN2081>.

Pickens, N. D.; Pizur-Barnekow, K. (2009). Co-occupation: Extending the dialogue. *Journal of Occupational Science*, 16 (3), 151 - 156. <http://dx.doi.org/10.1080/14427591.2009.9686656>.

Pierce, D. (2009) Co-occupation: The challenges of defining concepts original to occupational science. *Journal of Occupational Science*, 16 (3), 203-207. <http://dx.doi.org/10.1080/14427591.2009.9686663>.

Pierce, D.; Marshall, A. (2004). *Maternal management of home space and time to facilitate infant/toddler play and development*. In: Esdaile, S. A.; Olson, J. A. (Eds.), *Mothering occupations: Challenge, agency, and participation* (pp. 73- 94). Philadelphia, PA: F. A. Davis Company.

Pizur-Barnekow, K.; Kamp, K.; & Cashin, S. (2014). An Investigation of Maternal Play Styles during the Co-Occupation of Maternal-Infant Play. *Journal of Occupational Science*, 21(2), 202–209. <http://dx.doi.org/10.1080/14427591.2012.724379>.

Pizur-Barnekow, K.; Knutson, J. (2009). A comparison of the personality dimensions and behavior changes that occur during solitary and co-occupation. *Journal of Occupational Science*, 16(3), 157-162. <http://dx.doi.org/10.1080/14427591.2009.9686657>.

Price, P.; Miner, S. Extraordinarily Ordinary Moments of Co-Occupation in a Neonatal Intensive Care Unit (2008). *OTJR: Occupation, Participation and Health*, 29 (2), 72 - 78. <https://doi.org/10.3928/15394492-20090301-04>.

Price, P; Stephenson, S. M. (2009). Learning to promote occupational development through co-occupation. *Journal of Occupational Science*, 16 (3), 180-186. <http://dx.doi.org/10.1080/14427591.2009.9686660>.

Zemke, R., & Clark, F. (1996). *Occupational science: the evolving discipline*. Philadelphia: FA Davis Company.

Yerxa, E. J. (1990). An introduction to occupational science, a foundation for occupational therapy in the 21st century. *Occupational Therapy in Health Care*, 6(4), 1-17. http://doi.org/10.1080/J003v06n04_04

Contribuição dos autores: D.M. Responsável pela elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto.

Recebido em: 05/04/2022

Aceito em: 16/12/2022

Publicado em: 28/02/2023

Editor(a): Marcelo Cardoso